

A REPRESENTATIVIDADE FEMININA NO ROMANCE A RAINHA DO IGNOTO
FEMALE REPRESENTATIVENESS IN THE NOVEL A RAINHA DO IGNOTO

Bianca Almeida de Oliveira (IFCE)¹

Carlos Roberto Nogueira de Vasconcelos (IFCE)²

Suelem Maquiné Rodrigues (IFCE)³

RESUMO: No século XIX, escritoras cearenses como Francisca Clotilde, Alba Valdez e Emília Freitas marcaram o cenário intelectual e político com suas produções literárias e participação nas agremiações e movimentos abolicionistas. No entanto, o pioneirismo dessas escritoras é raramente encontrado em livros de história da literatura brasileira e cearense, revelando a exclusão de produções de autoria feminina do cânone literário. Entre esses escritos de autoria feminina que foram invisibilizados pela crítica está o primeiro romance publicado por uma escritora cearense, *A Rainha do Ignoto* (1899), de Emília Freitas, objeto de estudo desta pesquisa. Assim, o presente trabalho, de cunho qualitativo e bibliográfico, pretende analisar os personagens femininos do romance, investigando a presença feminina nos discursos históricos e no contexto social da época e tendo como básica teórica as obras de Mary Del Priore (1997) e Michelle Perrot (2006), bem como pesquisas de autoria da Alcilene Cavalcante (2008), Gildênia Moura e Carla Castro (2019).

PALAVRAS-CHAVE: Emília Freitas; Literatura Cearense; Visibilidade feminina; A Rainha do Ignoto; Autoria feminina.

ABSTRACT: In the 19th century, women writers from Ceará such as Francisca Clotilde, Alba Valdez and Emília Freitas marked the intellectual and political scene with their literary productions and participation in abolitionist organizations and movements. However, the pioneering spirit of these writers is rarely found in books on the history of Brazilian and Ceará literature, revealing the exclusion of female authors from the literary canon. Among these writings by female authors that have been made invisible by critics is the first novel published by a female writer from Ceará, *A Rainha do Ignoto* (1899), by Emília Freitas, the subject of this research. Thus, this qualitative and bibliographical work aims to analyze the female characters in the novel, investigating the female presence in historical discourses and in the social context of the time and using as a theoretical basis the works of Mary Del Priore (1997) and Michelle Perrot (2006), as well as research by Alcilene Cavalcante (2008), Gildênia Moura and Carla Castro (2019).

KEYWORDS: Emília Freitas; Ceará Literature; Feminine visibility; A Rainha do Ignoto; Women authorship.

¹ Graduada em Letras- Português/Inglês pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Campus Tianguá, no ano de 2022. E-mail: bianca.almeida.oliveira08@aluno.ifce.edu.br <http://lattes.cnpq.br/5010832542558273>

² Professor efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Doutor e Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e graduação em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: carlos.vasconcelos@ifce.edu.br <http://lattes.cnpq.br/9526659766961122>

³ Professora efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Doutoranda RENOEN(UFC), Mestre em Ensino Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. Possui especialização em Libras (Língua Brasileira de Sinais) pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2015) e graduação em Letras pela Universidade Federal do Ceará, graduação em Letras Libras pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: suelen.maquine@ifce.edu.br <http://lattes.cnpq.br/9496788542344870>

INTRODUÇÃO

No final do século XIX, escritoras cearenses como Emília Freitas, Francisca Clotilde e Alba Valdez conseguiram reconhecimento público por suas produções literárias. Apesar disso, em consequência da marginalização da escrita feminina, essa produção foi esquecida e atualmente é muito raro encontrar o nome dessas escritoras nos livros de literatura cearense. Tal apagamento da história feminina ocorre em todas as áreas do conhecimento.

Dessa maneira, entende-se que a marginalização da escrita feminina ocorreu em todo o mundo e o trabalho de resgate desses escritos só foi pensado a partir da crítica literária feminina, desenvolvida no século XX. Esse resgate é importante, pois configura-se como uma reparação da história das mulheres e sua contribuição para o cenário literário. Para tanto, é relevante também compreender como e quando essas mulheres conseguiram adentrar o meio literário e o momento em que tiveram acesso a uma educação que não fosse religiosa.

Este trabalho tem como objetivo investigar as representações femininas na história e no contexto histórico e social em que a obra foi escrita, bem como as escritoras cearenses pioneiras que se destacaram na segunda metade do século XIX e início do século XX, resgatando uma das principais obras de autoria feminina do Ceará. Assim, pensando na ressignificação da produção intelectual de autoria feminina, essa pesquisa tem como objetivo geral analisar o romance *A Rainha do Ignoto*, primeiro romance cearense de autoria feminina, sob a perspectiva da crítica literária cearense, dos estudos sobre a mulher na história da literatura, levando-se em conta também o viés das narrativas fantásticas.

1. DIÁLOGOS HISTÓRICOS SOBRE A MULHER: QUEM CONTOU?

O processo de apagamento da linhagem feminina ainda é naturalizado e romantizado atualmente, como acontece nos relacionamentos heterossexuais. A junção de tantos fatores gerou entre as mulheres um sentimento de inferioridade que as faziam acreditar na insignificância de suas memórias.

1.1 Ausência de palavras x excesso de imagem.

A presença das mulheres na história é marcada pela invisibilidade e inferiorização. Desde a infância, instruídas e preparadas para o matrimônio e a maternidade, as mulheres foram condicionadas a atuar apenas no ambiente doméstico, mantendo-se reclusas dos espaços

públicos. Portanto, o papel da mulher estaria associado à educação dos filhos e aos cuidados de casa.

Dessa forma, compreende-se como as mulheres foram mantidas nesse estado de reclusão e servilismo, pois a sociedade sabia que, reunidas, elas poderiam romper o silêncio e o estado de submissão. De acordo com Michelle Perrot (2006), o apagamento da presença feminina foi constante, fazendo com que até no próprio sistema linguístico houvesse essa tentativa de apagar os registros da mulher na história. Segundo essa estudiosa:

Pelo casamento, as mulheres perdiam seu sobrenome, o que ocorria na França, mas não somente aí. É bastante difícil, e mesmo impossível, reconstituir linhagens femininas. A pesquisa demográfica chamada TRA, iniciada por Jacques Dupâquier, que estabeleceu a genealogia das famílias cujo patrimônio começa por *Tra*, para estudar os fenômenos de mobilidade social, desistiu de incluir as mulheres por conta disso. O “reco” do casamento, a possibilidade de escolher seu patronímico, tanto quanto aquele que se lega aos filhos, provavelmente complicarão o trabalho futuro dos demógrafos e dos genealogistas. Essa revolução do nome é rica em sentidos. (PERROT, 2006, p. 21).

De acordo com Perrot (2006), a escrita feminina iniciou-se como algo íntimo, com diários e cartas que permitiam que as mulheres conseguissem expressar seus sentimentos e pensamentos. Entretanto, essa escrita nunca foi valorizada ou conservada e, por isso, para os historiadores e pesquisadores dos estudos femininos, é muito difícil identificar a presença da mulher na história sob um ponto de vista que não seja apenas o masculino.

Podemos compreender como a mulher, por muito tempo, teve que conformar-se em ser descrita e representada por meio de imagens idealizadas pela sociedade, enquanto se via presa aos bastidores da sua própria história. “Das mulheres, muito se fala. Sem parar, de maneira obsessiva.” (PERROT, 2006, p. 22). Como resultado disso, a figura masculina começou a representar poder, assumindo o papel de dominador, ocupando os espaços de maior visibilidade, e passou a governar a partir das leis criadas por eles mesmos. Conforme Bourdieu (1998), a sociedade buscou legitimar e naturalizar a superioridade masculina:

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho. (BOURDIEU, 1998, p. 20).

A inserção da ideia de inferioridade da mulher nos discursos históricos, é pautada na diferenciação de gênero, que define o ser feminino como inferior à figura masculina. Essa distinção de gênero desfavorece as mulheres enquanto sujeito social, pois os conceitos sobre gênero, culturalmente construído pela sociedade patriarcal, retratam-nas por meio de definições biológicas que afirmam que o sexo feminino é fraco e submisso. Desse modo, a estudiosa nas discussões de gênero, Judith Butler, afirma que:

Essa associação do corpo com o feminino funciona por relações mágicas de reciprocidade, mediante as quais o sexo feminino torna-se restrito a seu corpo, e o corpo masculino, plenamente renegado, torna-se, paradoxalmente, o instrumento incorpóreo de uma liberdade ostensivamente radical. (BUTLER, 2003, p. 20).

Em diferentes épocas, mesmo que os padrões de beleza sempre estejam em constante mudança, características como fragilidade e passividade nunca deixaram de ser associadas à imagem feminina. Segundo Perrot (2006), a existência e importância da mulher é resumida a sua aparência, à beleza do seu corpo, enquanto o seu verdadeiro ser é oprimido pelo machismo. Para a historiadora:

Primeiro mandamento das mulheres: a beleza. “Seja bela e cale-se”, é o que se lhe impõe, desde a noite dos tempos, talvez. Em todo caso, o Renascimento, particularmente, insistiu sobre a partilha sexual entre a beleza feminina e a força masculina. Georges Vigarello mostra as modificações do gosto e, principalmente, a valorização das partes do corpo de acordo com as épocas.” (PERROT, 2006, p. 20).

Com a objetificação da imagem feminina ligada diretamente à sua sexualidade, os discursos históricos sobre a mulher também trazem as mais antigas representações das mulheres, como a representação da figura feminina imperfeita e inferior ao ser masculino. Tais representações são utilizadas como justificativas para o controle e “adestramento feminino”, exercidos no âmbito político e religioso. Conforme Emanuel Araújo, no livro História das mulheres no Brasil, as mulheres estavam condenadas a pagar pelo pecado cometido por Eva, primeira criação feminina no mundo.

Nunca se perdia a oportunidade de lembrar às mulheres o terrível mito do Éden, reafirmado e sempre presente na história humana. Não era de admirar, por exemplo, que o primeiro contato de Eva com as forças do mal, personificados na serpente, inoculasse na própria natureza do feminino algo como um estigma atávico que predisponha fatalmente à transgressão, e esta, em sua medida extrema, revelava-se na prática das feiticeiras, detentoras de saberes e poderes ensinados e conferidos por Satanás. Tal lebre tratado de demonologia escrito por dois dominicanos alemães, Heinrich Kramer e Jakob Sprenger, publicado em 1486. (DEL PRIORE, 1997, p. 46).

Essa construção da imagem feminina, associada a características negativas, reafirmam e por muito tempo validaram o discurso da dominação masculina. Com a opressão sofrida ainda no século XIX, era difícil fazer uma denúncia contra o sistema patriarcalista e a idealização da figura feminina. A consequência disso é que tal imagem foi cristalizada também na representação da mulher na Literatura.

Desse modo, os estudos sobre a presença da mulher na história, como sujeito social, apontam que a figura feminina sempre foi desvalorizada e tais fatos influenciaram não somente na realidade cotidiana das mulheres, mas também na forma em que são representadas na literatura até os dias de hoje. Falando sobre as produções literárias, especificamente as

produzidas entre os séculos XVII e XIX, em sua grande maioria de autoria masculina, as mulheres são retratadas de acordo com um padrão socialmente estabelecido.

De acordo com Terry Eagleton (1983), os conceitos de Literatura apresentam uma relação próxima ao que seriam “ideologias sociais”. Ou seja, seu significado é mutável e depende do tempo e dos valores em sociedade. No entanto, o autor enfatiza que literatura não é apenas um meio de transmitir valores, mas também de disseminá-los. Conclui-se, portanto, que a literatura possui um papel social importante e tem o dever de ser comprometida com a história e os discursos.

2. A QUEBRA DE PARADIGMA

No final do século XIX, Emília Freitas publicou seu primeiro romance, intitulado *A Rainha do Ignoto*, obra que já apresentava aspectos do Romantismo, das narrativas fantásticas, entre outros. As representações femininas dentro da obra rompem com o padrão social e, ao mesmo tempo, revelam o padrão social imposto à mulher pela sociedade. Nas personagens femininas identificam-se os elementos românticos, que trazem os padrões de beleza e amor da época. A título de exemplo, no romance *A Rainha do ignoto* a jovem Carlota manifesta um amor ingênuo e a beleza comum de uma heroína romântica.

Mas toda inocência preparatória não obsteu que a filha da professora, na tarde em que viu o Dr. Edmundo apear-se à porta da casa vizinha, sentisse os primeiros rebates do amor. E na ingenuidade de seu pensamento, puro como o de um anjo, satisfazia-se com os enlevos do novo sentimento e não desejava que ele fosse descoberto, nem mesmo por aquele que o havia inspirado. (FREITAS, 1899, p. 65).

Mesmo apresentando traços dos ideais românticos, as personagens femininas dentro da obra serão marcantes, porque representam um meio de transgressão da imagem feminina idealizada pelos autores e sociedade do período. As discussões em torno da condição feminina que o romance de Emília traz são atuais, pois o patriarcalismo ainda é presente na sociedade. Na obra, a escritora escreve um capítulo exclusivo com o título “As filhas de D. Matilde ou os defeitos de educação”, mostrando como a sociedade julga o comportamento feminino. Neste retrato de época, mostra como era a educação das jovens.

Dessa maneira, a análise de *A Rainha do Ignoto*, feita neste trabalho, será voltada para a construção dessas personagens que possuem elementos autobiográficos da sua criadora, denunciando a opressão sofrida pelas mulheres, a educação que recebiam na época e como as mulheres que seguiam os ideais feministas já sofriam preconceito.

2.1 O lugar da mulher acadêmica na sociedade

Na segunda metade do século XIX, algumas mulheres começaram a escrever sobre seus ideais e passaram a trabalhar com novas definições da figura feminina, diferentes das idealizações já disseminadas no âmbito literário. Embora essa produção feminina já existisse antes desse período, o seu apagamento histórico ocorreu em grande escala, fazendo com que os historiadores tivessem dificuldade em resgatá-los do esquecimento.

Dentro da literatura brasileira, nesse período em que o país sofreu importantes alterações na estrutura social e política, é encontrada na produção literária do Ceará uma vasta bibliografia de escritoras cearenses do século XIX, antes mesmo do reconhecimento e entrada de Rachel de Queiroz na Academia Brasileira de Letras, já no século XX.

De acordo com a autora Régia Agostinho (2011), no artigo intitulado “Entre mulheres, história e literatura: a escrita feita por mulheres em Fortaleza no século XIX”, o estudo acerca dos escritos produzidos pelas cearenses traz uma perspectiva nova sobre a história da literatura do Ceará. Elas apresentam em suas obras uma visão crítica do contexto social e político em que viveram, mostrando também que eram capazes de criar uma produção intelectual e assumir posições públicas.

Ademais, segundo Gildênia Moura e Carla Castro (2019), foi difícil identificar a presença de escritoras cearenses, no cenário literário do século XIX, devido às poucas menções de seus nomes feitas por teóricos e críticos literários nos estudos da história da literatura brasileira e cearense. Isso pode ser considerado uma das tentativas de apagamento histórico da produção literária de autoria feminina naquele período. Nesse sentido, compreende-se por que as mulheres escritoras não obtiveram o devido reconhecimento na literatura nacional.

Apesar da dificuldade de atuar nos espaços públicos, fora do ambiente doméstico, na segunda metade do século XIX, mulheres cearenses adentraram o mundo das letras e marcaram a historiografia literária do Ceará, seja participando dos movimentos sociais, agremiações, seja produzindo periódicos para as revistas e jornais da época. O ponto de partida para a entrada dessas mulheres no cenário literário foi a formação secundária na Escola Normal.

A formação secundária para as mulheres, no Ceará, iniciou-se em 1884, com a criação da Escola Normal. Nessa escola formaram-se as primeiras mulheres cearenses, que posteriormente tornaram-se as escritoras pioneiras e legaram uma grande produção intelectual e literária. Escritoras como Francisca Clotilde, Ana Facó, Alba Valdez e Emília Freitas produziram intensamente durante esse período.

Nos séculos XIX e início do século XX, no Ceará, houve vozes femininas que enfrentaram a sociedade conservadora, época em que somente os homens poderiam se destacar tanto nas letras como na educação. Algumas mulheres tiveram coragem de participar deste universo masculino, umas obtiveram apoio da família, outras, ao contrário, tiveram que romper com ela e com os valores religiosos e sociais para buscarem seu sonho de liberdade. E muitas, naturalmente, sofreram por causa destas rupturas. (CASTRO; MOURA, 2019, p. 58).

Igualando-se ao movimento feminista, o surgimento da imprensa no Brasil acontece nas primeiras décadas do século XIX, e isso é discutido por Constância Duarte em seu dicionário ilustrado intitulado *A imprensa feminina e feminista no Brasil*. Na segunda metade do século, o advento da imprensa possibilita a participação dessas escritoras na cena literária cearense, mesmo que seja ainda uma atuação tímida por conta do julgamento da sociedade, como observam Gildênia Moura e Carla Castro (2019).

À vista disso, para fugir do julgamento público, algumas escritoras cearenses preferiram publicar seus escritos sob anonimato e utilizaram pseudônimos como forma de ocultar sua condição feminina. A escritora Francisca Clotilde, por exemplo, aos 14 anos (em 1887) publicou no jornal *O Cearense* seu primeiro poema, intitulado “Horas de delírio”. No entanto, assinou apenas com as iniciais do seu nome, com o intuito de não revelar que o poema era da autoria de uma mulher.

As primeiras agremiações literárias no Ceará, ainda no século XIX, não contavam com a participação feminina. As mulheres começaram a participar dos movimentos literários apenas quando o movimento de abolição da escravatura se consolidava no Estado, e várias sociedades abolicionistas foram criadas. De acordo com Carla Pereira Castro, as escritoras pioneiras expressavam-se por meio do jornal *O Libertador*:

Duas circunstâncias ocorridas na primeira metade dos anos 80 do século XIX, porém, se mostraram importantíssimas para abrir o acesso das mulheres ao universo literário. Em primeiro lugar, com o movimento contra a escravidão ganhando força em nosso Estado, a partir de 1880, surgiram várias sociedades abolicionistas que se abriam para a participação feminina. Incluía-se entre essas agremiações a Sociedade Cearense Libertadora, que tinha como veículo de expressão o jornal *O Libertador*, no qual seriam publicados poemas de autoria feminina. (CASTRO, 2021, p. 40).

A pioneira do movimento feminista no Ceará foi a professora e jornalista Alba Valdez, primeira mulher a ingressar na Academia Cearense de Letras. Esse fato não se encontra em livros de história da literatura nacional e é quase inexistente na literatura cearense. Devido à inviabilização da presença feminina na literatura, condição fortalecida no século XIX, faz-se com que apenas a entrada e participação de Rachel de Queiroz na Academia Brasileira de Letras seja reconhecida e citada nos manuais de literatura nacional.

É questionando a pouca referência dos nomes dessas escritoras nos estudos literários que se busca entender por que o primeiro romance de fantasia de autoria feminina no Ceará não

possui o devido reconhecimento no cenário literário nacional. Como já discutido no primeiro capítulo, a motivação da marginalização da escrita feminina encontra-se na opressão e inferiorização da mulher, perpetuada e disseminada pelos discursos históricos que abrangem também o meio literário.

Dessa forma, para compreender esse processo de marginalização da escrita feminina, que provocou a inviabilização da produção literária das escritoras cearenses do século XIX, é preciso abordar algumas questões sociais e políticas que o Brasil enfrentava no período. E o mais importante é descobrir qual a participação delas diante dessas questões.

O Brasil enfrentava o fim do Segundo Reinado, sob o comando de D. Pedro II e, posteriormente, a Proclamação da República. Do mesmo modo que Nísia Floresta, pioneira do movimento feminista no Brasil, Emília Freitas e outras escritoras cearenses escreveram em defesa dos direitos das mulheres e a favor da abolição da escravatura. Portanto, a participação das mulheres, nesse momento, existiu e foi importante para os movimentos libertários.

Para um estudo da vida e obra de Emília Freitas, escritora que esteve à frente de seu tempo, é fundamental conhecer a pesquisa feita por Alcilene Cavalcante (2008), que resgata a produção literária da escritora. Na sua tese de doutorado, intitulada *Uma escritora na periferia do império: vida e obra de Emília Freitas*, a pesquisadora traça o perfil bibliográfico da autora e considera que é preciso abordar o contexto social no qual Emília viveu, principalmente por causa da influência dos ideais liberais e abolicionistas presentes em sua escrita.

3. Emília: identidade resistência e obra

Emília Freitas destacou-se na prosa com o romance *A Rainha do Ignoto*, publicado em 1899, pela editora Typographia Universal, obra pioneira em termos de autoria feminina no Brasil. Francisca Clotilde, Ana Facó e outras escritoras do período também se sobressaíram.

Ainda, segundo Alcilene Cavalcante (2008), o romance quase não foi citado nos meios de comunicação populares da época. A crítica literária, talvez por conta do preconceito contra a mulher, desconsiderou os elementos inovadores presentes na obra. Outro fator, citado por Alexandre Meireles da Silva, no prefácio da mais recente edição da obra (2021), é o fato de a escritora ser espírita, além de ser forte apoiadora da causa abolicionista, num período em que o catolicismo já exercia grande influência sobre a sociedade, interferiu diretamente na divulgação do romance.

Em adição, às questões relacionadas à mulher são o ponto central da obra e nortearão todos os acontecimentos dentro da narrativa. Essa afirmação está relacionada principalmente à

protagonista Funesta, que é a força motriz das ações realizadas pelos outros personagens. A princípio, ela aparenta ser apenas um simples ser místico que assombra a pequena cidade. Porém, quando sua verdadeira face é revelada, aparece uma mulher poderosa e intelectual.

– Parece, doutor; mas é verdade. Até agora nenhuma das Paladinas do Nevoeiro, pois assim se chamam as do bando ou sociedade, pôde descobrir de quem descende esta mulher, onde aprendeu ciências de que dispõe, as artes que utiliza. É de uma atividade, de uma energia portentosa! Tem agentes em todos os países e em todas as capitais do Brasil, corresponde-se com cada um deles com um nome diferente ou firma comercial, sendo preciso. E nenhum ainda desconfiou da existência deste colosso de gênio. (FREITAS, 1899, p. 150).

A crítica, em relação a esse aspecto, é que por conta da misoginia cultural a intelectualidade feminina é questionada. Por isso, os personagens masculinos que têm acesso à sociedade secreta e à ilha do nevoeiro, mostram incredulidade ao saber que Funesta é a Rainha que governa a ilha na qual se organizam e vivem socialmente as paladinas. Por meio das personagens femininas é que Emília insere as mulheres em um ambiente e posição que não eram acessíveis às cearenses da época. Na narrativa, as habitantes da ilha exerciam as mais diferentes profissões, o que até então era possível apenas aos homens.

Ademais, identifica-se na obra como a sociedade via o movimento feminista e suas ativistas no final do século XIX. Verifica-se como as mulheres, que possuíam ideais do feminismo e se manifestavam pelos direitos do grupo, eram consideradas loucas e más influências para as outras. Esse sentido negativo, relacionado ao movimento, identificado na narrativa de Emília, é algo ainda atual e serve como argumento sobre como o patriarcalismo fez com que o preconceito contra as mulheres criasse raízes profundas no seio social brasileiro.

– Pior para si, meu caro – disse Probo, encolhendo os ombros –, pensei que já podia avaliar a força desta maçonaria de mulheres; mas enganei-me, portanto, vou explicar-lhe mais esta: elas têm sinais convencionados pelos quais se conhecem em toda parte onde se encontram, mas são de acordo com o grau de cada uma, de forma que, às vezes, uma paladina de ordem superior manifesta-se a outra inferior pelo sinal da ordem dela, ou mesmo não corresponde, não se dá a conhecer para lhe servir de guarda secreta. Se a tal conta em família o que viu no Ignoto da ilha do nevoeiro, instalam-se disfarçadamente algumas nas vizinhanças, e em poucos dias, a pobre moça vai ter ao asilo das loucas, porque elas, com ar de proteção e derramando benefícios, convencem aos estranhos e aos próprios pais que a filha perdeu a razão e está a dizer coisas extravagantes. (FREITAS, 1899, p. 234).

A pauta feminina é tão presente na obra que a escritora faz uma crítica a esse sistema opressor, denunciando a violência sofrida pelas mulheres. A violência doméstica, por exemplo, que é a mais recorrente, é descrita pela escritora, e traz a representação de como acontece no mundo real, ao apresentar uma personagem que foi agredida pelo marido e incumbiu a si mesma a culpa pela agressão sofrida.

– Nem fale nisso, senhora – disse Faustina, aflita –, os vizinhos apitaram, vieram soldados, mas eu assim, mesmo ferida, ainda o escondi. Quiseram levar-me a chefatura; mas tanto pedi, que tiveram pena, e me deixaram ficar, fui entrando na sala e caí no corredor. Cipriano já vinha acudir-me quando as senhoras entraram. (FREITAS, 1899, p. 248).

No âmbito literário, na segunda metade do século XIX, surge o Realismo e o Naturalismo, com tendências sociais, tornando-se meios de denúncia e crítica das disparidades sociais. Os fatos históricos que marcam essas décadas finais do século foram a abolição da escravidão e a Proclamação da República. Em cenário nacional, autores como Machado de Assis, fundador da Academia Brasileira de Letras, e Aluísio Azevedo, tornaram-se populares e deram início a essas estéticas literárias no país.

No Ceará, nesse mesmo momento, Guilherme Studart e outros escritores, como Capistrano de Abreu, destacavam-se por sua produção intelectual. Juntamente a esses autores, Emília Freitas também ganhou notoriedade na capital da província, Fortaleza. Essa visibilidade foi possível, como já citado, por causa do advento da imprensa no Brasil, que permitiu a escritoras pioneiras a publicação de seus trabalhos.

O estilo da escritora perpassa alguns gêneros populares e traz temáticas próprias do seu contexto histórico e social. Emília Freitas não restringiu seus escritos a estruturas fixas e sempre imprimiu uma visão crítica da sociedade na sua obra. E é desse modo que a escritora apresenta sua visão do mundo. Conforme Alcilene Cavalcante,

É certo, porém, que, ao longo de sua produção intelectual, Emília Freitas filtrou as teorias que circulavam em sua época, diferenciando-se dos integrantes dos referidos grupos, tanto por sua condição de mulher, como pela orientação metafísica e de crítica à misoginia – presente no repertório cientificista da Mocidade Cearense e literário da geração dos Novos Cearenses. (CAVALCANTE, 2008, p. 92).

Na produção intelectual de Emília, verificam-se alguns ideais românticos como a idealização da imagem da protagonista e as características de donzela romântica, em Carlota e Virginia. Por causa do surgimento de novos movimentos literários em contraposição ao idealismo próprio do Romantismo, autores da época, assim como Emília, voltaram seus escritos à denúncia. Além do uso de teorias científicas, o material utilizado pela escritora na composição de seu romance *A Rainha do Ignoto* pertence a outros campos literários que buscavam seus primeiros movimentos no Brasil, como a ficção científica e o fantástico-maravilhoso.

A respeito de o romance ser classificado como um livro de ficção científica, o professor Alexander Meireles (2021) e outros pesquisadores da produção literária de Emília Freitas mostram como a escritora explora o hipnotismo, a transmutação e a invisibilidade como forma de atribuir poderes que tornam Funesta e suas paladinas heroínas capazes de salvar os que se

encontram em situação de miséria. A utilização desses elementos refere-se à influência da religião, a qual Emília seguia, o Espiritismo.

Na ambientação da narrativa é possível verificar as influências religiosas, como o catolicismo, por meio dos costumes dos habitantes de Passagem das Pedras, por exemplo; e o Espiritismo, que é o que envolve o mistério da Ilha do Nevoeiro e serve como o constructo de uma atmosfera fantástica na obra.

A Ilha do Nevoeiro se configura como um lugar fantástico na narrativa. Assim, a obra compara-se a outros livros de ficção que trazem locais fictícios como *A Ilha Misteriosa*, de Júlio Verne (1874), e Nárnia, de *As Crônicas de Nárnia*, criado por C.S. Lewis no século XX. A ilha, em *A Rainha do Ignoto*, é um lugar mágico-maravilhoso, seus habitantes seguem leis diferentes das existentes no mundo real e não sofrem opressão por parte dos grupos mais fragilizados socialmente, como as mulheres.

Ao criar uma sociedade secreta composta por mulheres que exercem as mais variadas profissões, habitam uma ilha governada por uma rainha, em um momento da história em que as mulheres eram condicionadas apenas à vida privada, a escritora apresenta uma realidade utópica. Essa nova realidade não é impossível de existir, mas diferente da vivida por esses grupos, abre a possibilidade de um mundo em que não haja opressão sobre as mulheres.

Essa transição do mundo real para um lugar mágico faz com que a obra seja classificada como fantástica. Por essa razão, é necessário entender como a literatura fantástica surgiu no Brasil e o quanto estava desenvolvida nacionalmente, no período de publicação da obra.

O gênero fantástico surgiu no final do século XVIII, mas desenvolveu-se apenas no século seguinte. Os estudos literários acerca do fantástico ganharam mais notoriedade por meio do filósofo e linguista búlgaro Tzvetan Todorov (1939-2017), que analisou o gênero e trouxe ao público a compreensão das narrativas fantásticas. Apesar de seu desenvolvimento no século XIX, o gênero fantástico ainda não era valorizado no Brasil oitocentista, e o registro de obras fantásticas publicadas nesse período é bem pequeno. Essa desvalorização, de acordo com estudos sobre o fantástico, aconteceu pelo fato de que os autores desse período estavam buscando criar uma literatura nacional, fugindo assim da influência europeia.

A construção da narrativa fantástica feita por Emília Freitas em *A Rainha do Ignoto* permite que se tenha o acesso às estruturas que constituíam a sociedade oitocentista. É exatamente pelo fantástico que acontece uma ruptura dos padrões de gênero, trazendo a independência feminina em que as personagens quebram com o ciclo de submissão. Por essa razão, a análise comparativa dessa pesquisa volta-se para as representações femininas presentes a partir das perspectivas dos estudos das narrativas fantásticas.

O romance *A Rainha do Ignoto*, de Emília Freitas, considerado por muitos estudiosos como obra fantástica ou ficção científica, traz personagens femininas constituídas por elementos insólitos. A principal referência do fantástico na obra é a protagonista, a “Rainha do Ignoto”, que em seu próprio nome já aponta a relação da personagem com o insólito e sua face mítica. Ressalta-se que a publicação do romance aconteceu num momento em que o gênero fantástico ainda não havia se consolidado em território brasileiro. Na verdade, o que havia era uma forte tensão entre religiosidade e realismo científico. Segundo Constância Lima Duarte (2019):

Emília Freitas consegue, com habilidade, acomodar o fantástico num plano de religiosidade, e faz em seu romance ora uma incursão pelo imaginário, de palpável ao mais surpreendente e inverossímil, ora uma descrição detalhada da vida sertaneja, com suas festas, costumes, credences. (DUARTE, 2019, p. 14).

Esses elementos fantásticos, que foram utilizados para a configuração da personagem, relacionam-se a elementos próprios de narrativas fantásticas orais cearenses e amazonenses. Como Emília morou nesses dois estados brasileiros, faz sentido que sua escrita traga influências dos mitos e lendas que constituem o imaginário popular do Norte e Nordeste. Em sua escrita identifica-se também o contato entre com os mitos gregos que, em específico, relacionam-se com a lenda das Amazonas. Sendo assim, mais adiante discute-se sobre essa relação.

É na literatura oral que se encontram os mitos e lendas, narrativas que preservam a memória dos povos e possuem grande poder de influência sobre eles. Ao analisar essas narrativas que habitam o imaginário popular e são essenciais para entender a composição de elementos presentes no romance, trabalha-se com o conceito de oralidade. De acordo com Francisco Vicente de Paula Jr (2019):

A oralidade ou literatura oral passa a figurar como uma espécie de arte do cotidiano, ou seja, apresentada por meio de diferentes manifestações ou ocorrências da vida diária, englobando as contações de histórias, os causos, as narrativas de feitos comuns ou sobrenaturais que afloram por influxo da memória nas mais diversas situações e finalidades. (PAULA, 2019, p. 171).

De acordo com Cássia Alves (2019), “o imaginário constitui-se de um aglomerado de imagens acomodadas num recipiente que é a mente humana. Mas não a mente de um indivíduo em particular, mas de um grupo social.” Isso significa que essas imagens são mutáveis, ou seja, podem mudar levando-se em consideração o tempo e o espaço. Nesse imaginário encontram-se várias imagens femininas que seriam as ideais e que, construídas nas memórias do coletivo, se diversificam e mantêm aspectos em comum.

Ao trazer essa concepção do que seria o imaginário, a pesquisadora também diferencia o conceito desse primeiro termo com mentalidade. Então, mentalidade seria uma forma comum de pensamento de uma sociedade e época que não estariam tão suscetíveis a mudanças com o passar do tempo; e o imaginário, portanto, configura-se como uma tradução dessa mentalidade. Assim sendo, o imaginário possui esse aspecto mutável e isso acontece por meio da cristalização do resíduo, também ocasionada pela hibridação cultural.

De acordo com Roberto Pontes (2006), o resíduo é “aquilo que remanesce de uma época para outra e tem força de criar de novo toda uma obra”. Dessa maneira podemos encontrar aspectos da cultura grega na cultura amazonense. Esse contato entre essas civilizações nos traz também o conceito de hibridismo cultural, que segundo Pontes, é onde as culturas se encontram e se proliferam.

Dessa forma, analisando a escrita de Emília Freitas, encontramos uma tradução da mentalidade oitocentista, particularmente das imagens femininas agora não apenas sob uma perspectiva masculina, mas também pelo olhar de uma mulher que mostrou estar bem à frente de seu tempo. A escritora traz, então, uma linguagem mais popular e apresenta ao mesmo tempo os estereótipos em relação às mulheres e costumes que faziam parte de seu cotidiano.

As representações femininas mais antigas são encontradas na literatura oral e em outros textos literários que mostram uma união entre a História e as narrativas fantásticas das primeiras civilizações. Na mitologia grega, por exemplo, há alguns arquétipos femininos importantes para a compreensão dos perfis de beleza metafísica da mulher como a figura da deusa e da heroína. A primeira representa a concepção celestial, e a segunda o modelo humano.

Nas tradições e crenças cristãs também se encontram referências femininas bem antigas como Eva, conhecida como a primeira transgressora das leis divinas, que se relacionou diretamente com forças malignas, simbolizada pela serpente, e também figuras que representam santidade, beleza e castidade como a Virgem Maria e outras mulheres consideradas santas, encontradas nas escrituras sagradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da escrita de Emília Freitas, infere-se que as mulheres escritoras deixaram em sua produção literária um forte símbolo de resistência feminina contra a misoginia cultural existente no Brasil. Apesar das recentes pesquisas que trazem o resgate dessa produção de autoria feminina, os pesquisadores da história da mulher ainda possuem um grande trabalho de reparação a ser feito.

A relevância desse resgate está associada especialmente à crítica feminina em relação às injustiças sociais e a criação de novas imagens, feitas pelas escritoras em torno do feminino opondo-se a padrões já construídos que de alguma forma inferiorizam a mulher. O romance *A Rainha do Ignoto* destaca-se exatamente por essa transgressão dos padrões femininos estabelecidos no século XIX, pois é um grito de denúncia e de desejo pelo protagonismo feminino.

Por essa razão, considera-se essa obra vanguardista, porque valoriza o discurso científico das mulheres num momento em que a ciência se desenvolvia amplamente quando as vozes femininas eram silenciadas. Revela-se por meio disso o poder da escrita feminina e da construção de sua identidade, que era e que ainda é reprimida pela sociedade machista.

Para tanto, as pesquisas que têm sido publicadas ultimamente mostram como a obra de Emília é atual e relevante e, por essa razão, merece ter um reconhecimento nacional. Além de mostrar uma valorização da sua própria cultura, ela mostra como os mitos transfiguram-se e dialogam com a realidade local.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. **Iracema**. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959, vol. III.
- ALVES, Cássia. A teoria da residualidade e sua sistematização. In: PONTES, Roberto; MARTINS, Elizabeth Dias; LEAL, Tito Barros; NASCIMENTO, Mary; CRAVEIRO, William. (Orgs.). **Todas as idades são contemporâneas: estudos de residualidade literária e cultural**. Macapá: UNIFAP, 2019.
- BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. Tradução Maria Helena.
- BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia Grega, vol. I. 21.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero – Feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. 1.ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2003.
- CASTRO, Carla. **A escrita feminina cearense do século XIX: Uma perspectiva de análise de Ana Nogueira e Francisca Clotilde**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2021.
- CASTRO, Carla; MOURA, Gildênia. Curso Literatura Cearense. **Módulo 4: Mulheres**

escritoras: as pioneiras do século XIX. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2019, p. 49-64.

CAVALCANTE, Alcilene. **Uma escritora na periferia do império: vida e obra de Emília Freitas (1855-1908).** Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2008.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1997.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução.** 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FREITAS, Emília. **A Rainha do Ignoto.** Edição de Constância Lima Duarte. 2.ed. São Caetano do Sul: Wish, 2021.

FREITAS, Emília. **A Rainha do Ignoto: romance psicológico.** Edição revista e atualizada, inclui apresentação e notas da professora Constância Lima Duarte. São Paulo: 2019.

MOREIRA, Aline; OLIVEIRA, Cintya; SILVA, Fernanda Maria; LIMA, Francisco

Wellington. (Orgs.) **Verso e reverso da palavra: estudos críticos sobre a obra de Roberto Pontes.** Amapá/Fortaleza: UNIPAF, 2022.

PAULA, Francisco Vicente. **Monstros residuais nas narrativas orais do fantástico cearense.** PONTES, Roberto; MARTINS, Elizabeth Dias; LEAL, Tito Barros; NASCIMENTO, Mary; CRAVEIRO, William. (Orgs.). **Todas as idades são contemporâneas: estudos de residualidade literária e cultural.** Macapá: UNIFAP, 2019.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2017.

PINTO, Célia Regina. **Uma história do Feminismo no Brasil.** PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil.** 1.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

PONTES, Roberto; MARTINS, Elizabeth Dias; LEAL, Tito Barros; NASCIMENTO, Mary; CRAVEIRO, William. **Todas as idades são contemporâneas: estudos de residualidade literária e cultural.** Macapá: UNIFAP, 2019.

SILVA, Ana Paula Mendes. **A mulher na literatura brasileira: revisitando a condição social feminina.** Disponível em:

<https://www.itaporanga.net/genero/4/gt07/06> Acesso em: 26/06/2022.

SILVA, Régia Agostinho. **Entre mulheres, História e literatura: a escrita feita por**

mulheres em Fortaleza no século XIX. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. São Paulo, 2011. Disponível em:

http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300906599_ARQUIVO_ENTREMULHERES Acesso em: 03/09/2022

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

WOLFF, CRISTINA SCHEIBE. Amazonas, soldadas, sertanejas, guerrilheiras. In:

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

Recebido em: 30/11/2023

Aprovado em: 19/12/2023

Publicado em: 09/04/2024



10.29281/r.decifrar.2023.3a_4